

DA AÇÃO À PAIXÃO: O PERCURSO SEMIÓTICO DA BUSCA DO SENTIDO

DE LA ACCIÓN A LA PASIÓN: LA BÚSQUEDA SEMIÓTICA POR EL SENTIDO

FROM ACTION TO PASSION: THE SEMIOTIC JOURNEY TOWARDS MEANING

Marcela Ulhôa Borges Magalhães*

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

RESUMO: A semiótica francesa surgiu na década de 60, com as pesquisas de Algirdas Greimas, e tinha como aspiração desenvolver um estudo da significação a partir de uma metodologia de vertente estruturalista, que, inicialmente, excluía de seu campo de análise todos os elementos que remetessem à subjetividade do discurso. Este artigo tem como objetivo refletir sobre os avanços da teoria semiótica, desde seu início, no que concerne aos estudos passionais, bem como demonstrar de que maneira as reflexões sobre a tensividade e a fenomenologia, aliadas aos estudos das modalidades e das paixões propostos por Greimas, pouco a pouco, ampliaram o alcance de análise da teoria em questão, substituindo gradualmente uma semiótica que colocava a ação no centro de suas preocupações por outra, a semiótica das paixões.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Paixões. Estados juntivos. Modos de presença.

RESUMEN: la semiótica francesa surgió en los años 60, con las investigaciones hechas por Algirdas Greimas, y aspiraba a desarrollar un estudio de los significados a partir de una metodología de inspiración estructuralista, que inicialmente excluía de su ámbito de análisis a todos los elementos que remitieran a la subjetividad del discurso. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los avances de la teoría semiótica, desde su creación, en lo que respecta a los estudios sobre la pasión, y demostrar cómo las reflexiones sobre 'tensión' y 'fenomenología', aliadas a los estudios sobre las modalidades y las pasiones propuesto por Greimas, ampliaron poco a poco el alcance del análisis de la teoría, y lograron una sustitución gradual de una semiótica que colocaba la acción en el centro de sus preocupaciones, por otra, hoy conocida por semiótica de las pasiones.

PALABRAS-CLAVE: Semiótica. Pasiones. Estados juntivos. Modos de presencia.

ABSTRACT: French semiotics emerged in the 1960s with Greimas' researches, and it aimed developing a study of signification by adopting a structuralist methodology which, initially, excluded from its analysis all the elements related to discourse subjectivity. This paper aims to reflect about the advances of semiotics, from its beginning, involving passion studies, to the manner which the reflections on tensivity and phenomenology, along with Greimas' modality and passion studies, little by little expanded the grip of

the theory in question, gradually replacing a semiotics that had action as the center of its concerns by another one, the semiotics of passions.

KEYWORDS: Semiotics. Passions. Conjunctive state. Presence modes.

1 INTRODUÇÃO

A semiótica francesa que surge na década de 60 foi concebida a partir dos estudos estruturalistas desenvolvidos por Saussure (2003) e Hjelmslev (1975), na linguística, e por Vladimir Propp (1984), na narrativa. Essa vertente estruturalista fez com que a semiótica excluísse de suas investigações iniciais quaisquer elementos relacionadas ao subjetivismo do texto, já que se pretendia negar os estudos culturais e psicologizantes que vinham sendo desenvolvidos até então no campo dos estudos literários e discursivos. O receio de Algirdas Greimas de que o *eu* do discurso se confundisse com o *eu* psíquico fez com que o semioticista lituano resolvesse rejeitar do campo de análise proposto em *Sémantique structurale* (1966) todos os elementos que remetessem à subjetividade do discurso, ou seja, as categorias de pessoa, tempo e espaço – o *eu*, *aquí*, *agora* da enunciação:

Tout discours présuppose, on le sait, une situation non linguistique de communication. Cette situation est recouverte par un certain nombre de catégories morphologiques, qui l'explicitent linguistiquement, mais en introduisant en même temps dans la manifestation un paramètre de subjectivité, non pertinent pour la description et qu'il faut par conséquent éliminer du texte [...]. Ces catégories à éliminer sont principalement les suivantes: 1. La catégorie de la personne. [...]. 2. La catégorie du temps. [...]. 3. La catégorie de la deixis. [...]. 4. Tous les éléments phatiques en général (GREIMAS, 1966, p. 154)¹.

O receio, então, de resvalar pelo universo ontológico do sujeito da enunciação fez com que a teoria semiótica, ao menos enquanto ciência incipiente, deixasse à margem de suas preocupações o *ser* do discurso e se centrasse no *fazer*, configurando-se, por isso, como uma semiótica da ação. Algirdas Greimas propôs, com publicação, no ano de 1966, de *Sémantique structurale*, uma teoria capaz de abarcar o processo de estruturação do sentido no discurso a partir da observação dos elementos inteligíveis do texto, deixando as preocupações sensíveis para investigações posteriores.

Alguns anos mais tarde, no ano de 1976, Greimas veio a publicar *Pour une théorie des modalités*² (1976), artigo que representou um salto dentro da teoria e determinou a direção em que as futuras pesquisas na área fossem conduzidas. A grande questão apresentada nesse texto concerne à proposição da existência do *ser* e do *fazer* como as duas formas elementares de enunciado: *enunciados de fazer* e *enunciados de estado* (1976, p. 58). Naquele momento, embora o estudo dedicado às funções-predicado do *fazer* ainda fosse destaque, Greimas começou a introduzir lentamente a preocupação com os enunciados de estado dentro da teoria semiótica, o que se mostrou como uma abertura para futuras investigações a respeito do universo passional e sensível do discurso, que havia sido completamente excluído em *Sémantique structurale* (GREIMAS, 1966). Nessa fase de elaboração da teoria semiótica, no entanto, o estudo do sujeito ainda estava condicionado a uma gramática narrativa, e sua existência estava fundamentada nos estados conjuntivos, ou seja, na relação de *conjunção*, *disjunção*, *não-conjunção* e *não-disjunção* estabelecida entre o sujeito e seus objetos-valor³.

¹ “Todo discurso pressupõe, sabe-se, uma situação não linguística de comunicação. Essa situação abrange um certo número de categorias morfológicas, que o explicitam linguisticamente, mas que, ao mesmo tempo, introduzem, na manifestação, um parâmetro e subjetividade não pertinente para a descrição, e que é preciso, por consequência, eliminar do texto [...]. Essas categorias a eliminar são principalmente as seguintes: 1. A categoria de pessoa. [...]. 2. A categoria de tempo. [...]. 3. A categoria da deixis. [...]. Todos os elementos fáticos em geral.” (Tradução nossa).

² Traduzido para o português como parte do livro *Semiótica do discurso científico: da modalidade* (GREIMAS, 1976) e posteriormente publicado por Greimas como parte de *Du sens II* (1983).

³ Greimas define a relação de junção como “[...] a relação que une o sujeito ao objeto, isto é, a função constitutiva dos enunciados de estado. Tomada como eixo semântico, essa categoria desenvolve-se, de acordo com o quadrado semiótico em conjunção, disjunção, não-disjunção e não-conjunção” (GREIMAS; COURTÈS, 1983, p. 249). De acordo ainda com o *Dicionário de Semiótica* (1983, p. 76), pode-se compreender o estado de conjunção como o de “ter alguma coisa”, ou seja, aquele estado em que o sujeito adquire o objeto-valor. A disjunção, por sua vez, caracteriza-se como o estado em que o sujeito “não tem alguma coisa”. É importante não confundir-la com o contraditório não-conjunção, que define o estado de “não ter mais alguma coisa”, em outras palavras, aquele estado em que o sujeito perde o objeto-valor com que estava em conjunção. Por fim, resta o estado de não-disjunção, que, segundo ainda Greimas e Courtès, é caracterizado pelo ato de “conservar alguma coisa”, ou seja, é aquele estado em que a conjunção é mantida e conservada.

A questão é que mesmo com a ebulição de uma possível semiótica do sensível, a existência do sujeito ainda obedecia a modelos por demais inteligíveis, já que tanto os estados juntivos quanto as modalidades são categorias que dizem respeito à organização sintática do enunciado-discurso, como deixam entrever os próprios verbetes do Dicionário de Semiótica concernentes a essas expressões (GREIMAS; COUTÉS, 1983, p.282). Havia, então, um problema, pois, para se atingir o universo afetivo e passional do discurso, essas categorias não bastavam, como afirma Fontanille (2007, p. 184), ao refletir sobre esse entrave teórico:

[...] a teoria das modalidades foi o primeiro passo na direção de uma semiótica das paixões: os efeitos passionais, graças ao componente modal oriundo da narratividade, tornaram-se analisáveis, cada efeito passional podendo ser reduzido, de um ponto de vista narrativo, a uma combinação de modalidades. Portanto, os afetos passionais eram considerados como simples epifenômenos do percurso narrativo dos actantes. Todavia essa abordagem do domínio afetivo permanecia nos limites de uma lógica das transformações, a lógica do discurso-enunciado.

Antes de emergirem as preocupações com as articulações sensíveis do discurso, o que vinha sendo feito em semiótica era um estudo do universo descontínuo⁴, que priorizava os modelos narrativos, tidos, a princípio, como suficientes para sustentar a análise de qualquer objeto significante. Acontece, porém, que com o desenvolvimento da teoria semiótica, surgiram outras inquietações, pois se verificou um vazio no que dizia respeito às categorias contínuas do discurso. A partir de então, o universo sensível passou a ser a grande preocupação dos semioticistas, mas para atingir, de fato, a afetividade do discurso, apenas o estudo das modalidades não era suficiente.

O estudo modal, como se pode constatar por meio da leitura de *Pour une théorie des modalités* (1976), restringe-se basicamente aos elementos descontínuos e inteligíveis que correspondem à estruturação sintática⁵ dos dispositivos presentes especificamente no nível narrativo, tendo como referência os níveis do percurso gerativo do sentido. A grande questão é que os componentes afetivos do discurso não se encontram apenas nas estruturas narrativas, razão pela qual as modalidades não são suficientes para descrever os efeitos de sentido passionais que emanam do texto. O objetivo deste artigo, portanto, é o de refletir sobre os avanços da teoria semiótica, desde seu início, principalmente no que tange aos estudos passionais, e também o de demonstrar de que maneira as reflexões sobre a tensividade e a fenomenologia, aliadas aos estudos das modalidades e das paixões propostos por Greimas, ampliaram gradativamente o alcance de análise dos estudos semióticos, integrando, mesmo que a passos lentos, a semiótica da ação à semiótica das paixões.

2 EM DIREÇÃO DE UMA SEMIÓTICA DO SENSÍVEL

Na tentativa de adentrar o universo sensível, a teoria semiótica foi, aos poucos, se desprendendo das amarras inteligíveis para se abrir ao universo da percepção e da fenomenologia, que se mostrava como um horizonte possível para alcançar os modos de articulação do sensível que emanam do discurso. Quando Greimas escreve *Da imperfeição* (2002), no ano de 1987, a dimensão afetiva do discurso e a sensibilidade do corpo próprio emergem no campo teórico da semiótica, colocando em destaque a necessidade iminente de se discutir os modos de presença nos estudos do discurso. *Da imperfeição* (2002), porém, não tinha como objetivo propor novos modelos de análise, tampouco situar de forma estrutural os novos questionamentos sobre a percepção dentro do panorama teórico da semiótica francesa que vinha até então sendo desenvolvido. As ideias haviam sido apresentadas, mas, para

⁴ A categoria contínuo/descontínuo foi emprestada pela semiótica da linguística, que utilizava tal terminologia para tratar da problemática dos morfemas. Dentro da semiótica, essa categoria pode ser compreendida a partir de duas especificações, que estão presentes no verbe correspondente aos termos contínuo/descontínuo no Dicionário de Semiótica (1983, p. 110) 1) a projeção do descontínuo no contínuo é a primeira condição da inteligibilidade do mundo; 2) toda grandeza é considerada contínua anteriormente à sua articulação, isto é, à identificação das ocorrências-variantes, que permitem constitui-las em classes (as únicas que podem ser consideradas como unidades descontínuas); 3) a oposição contínuo/descontínuo reaparece também sob a forma de uma categoria aspectual, que articula o aspecto durativo: chama-se, então, ao aspecto descontínuo iterativo ou frequentativo. A partir dessas três considerações e também do uso dessas expressões por semioticistas como Greimas, Fontanille e Zilberberg, compreende-se o discurso descontínuo como aquele que se projeta sobre o contínuo, instaurando imperfeições, interrupções, lacunas, enquanto o discurso contínuo é o espaço-tempo livre de empecilhos e interrupções, no qual os sujeitos sensíveis fluem livremente. O discurso descontínuo é, portanto, o discurso inteligível da narratividade (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 15), enquanto o contínuo é aquele que corresponde ao universo sensível em que a semiótica tenta se engajar a partir da década de 80.

⁵ A expressão “sintaxe narrativa” faz parte do jargão da semiótica e é utilizada para descrever a estrutura gramatical das relações entre os actantes do enunciado (sujeito, objeto, destinador, antissujeito) e as operações-transformações (“estados” e “fazeres”) que se efetuam sobre essa base (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 435).

que fossem, de fato, incorporadas à teoria semiótica fundada pelo próprio Greimas, era preciso que elas fossem inseridas ao projeto semiótico da época e organizadas de modo a oferecer um instrumental para a análise do discurso.

Cerca de quatro anos após a escrita de *Da Imperfeição* (2002), Greimas publica, em 1991, em coautoria com Jacques Fontanille, o livro *Semiótica das paixões* (1993), como uma tentativa de tornar as ideias a respeito da percepção e dos modos de presença, apresentadas de forma não sistematizadas em 1987, mais palpáveis dentro do modelo estruturalista em que se situava a semiótica. A semiótica das décadas de 80-90, porém, percebeu-se numa espécie de encruzilhada, pois, ao mesmo tempo em que constatava que os componentes sensíveis do discurso eram tão ou mais importantes que os inteligíveis, ela não havia criado ainda um modelo que permitisse analisar um texto em seus aspectos contínuos, como se pode verificar no excerto de *Semiótica das paixões* (1993) em que Greimas e Fontanille (1993, p. 15) discutem sobre essas questões:

A modalização –ao menos como foi desenvolvida pela semiótica no âmbito das modalidades e da competência – poderia eventualmente dar conta da articulação descontínua da narratividade. Entretanto, a introdução, na teoria semiótica, do conceito de “estado modal”, mas sobretudo um exame mais atento do discurso, dava a imagem de uma “ondulação” contínua, capturável, entre outras, sob a forma de variações de intensidade e de emaranhados de processos, que poderíamos considerar como sua “aspectualização”; em face da segmentação discreta dos estados, os emaranhados de processos e suas variantes de intensidade tornam indecisas as fronteiras entre estados e embaraçam com muita frequência o efeito de descontinuidade. Ora, esse embaraço e essa ondulação não podem se explicar – seria fácil demais – pela complexidade de superfície dos discursos analisados, nem ser apresentados, sem outro exame, como simples “efeitos de sentido”. As considerações sobre a natureza dos estados e, mais particularmente, sobre sua instabilidade, unidas a uma reflexão mais geral sobre o estado do mundo, levam, pois, a interrogar sobre a concepção de conjunto do nível epistemológico profundo da teoria e a perguntar se, para além da percepção cognitiva da significação que a discretiza e a torna “compreensível”, não há lugar para a instauração de um horizonte de tensões mal esboçadas que, embora situando-se num aquém do sentido do “ser”, permitiria dar conta das manifestações “ondulatórias” insólitas reconhecidas no discurso.

Semiótica das paixões (1993) surge, portanto, como uma tentativa de reunir esses novos questionamentos e inquietudes que emergiram na década anterior, principalmente com a publicação de *Da imperfeição* (2002). Logo na introdução, Greimas e Fontanille apontam para a necessidade de preencher o vazio que a semiótica tinha deixado no que dizia respeito aos aspectos sensíveis. O grande problema, no entanto, era que, por mais que se reconhecesse uma necessidade de mudança daquilo que vinha sendo feito, o modelo de análise das paixões proposto por Greimas e Fontanille naquele momento não foi capaz de reverter o quadro teórico de uma semiótica da ação para uma semiótica da paixão. Nesse sentido, *Semiótica das paixões* (1993) foi um retrocesso em relação às propostas que haviam sido apresentadas em *Da imperfeição* (2002), poucos anos antes.

Da imperfeição (2002) abriu o universo da semiótica para o mundo da percepção, mostrando como o corpo próprio situava-se como mediador entre o universo interoceptivo e exteroceptivo do sujeito e como a maior ou menor distância entre esse corpo e as instâncias a ele exteriores provoca as variações tensivas e passionais que emergem dos discurso. O caminho para a formulação de uma semiótica do sensível tinha sido iniciado naquele momento, porém, *Semiótica das paixões* (1993), de certa forma, retrocedeu ao tentar estruturar um modelo para aquilo que tinha antes sido apresentado de forma menos comprometida com as bases epistemológicas da semiótica, pois, por mais que Greimas e Fontanille afirmassem a necessidade de mudanças, o modelo passional canônico que foi ali delineado não conseguiu fugir da problemática das modalidades, que acabaram por restringir a análise passional a um estatuto narrativo muito mais inteligível do que sensível, e os próprios autores identificavam essa dificuldade, como se pode perceber na reflexão que se segue sobre os problemas de se aplicar o esquema das modalidades com objetivo de deprender os componentes contínuos do discurso: “[...] A dificuldade deve-se ao fato de que essas modalidades, tais como conhecemos, o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*, são devedoras da categorização racional, ao passo que, de outro ponto de vista, considerando os efeitos de sentido passionais, elas parecem obedecer a outros modos de organização” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 32). De qualquer maneira, não se pode negar a importância desse livro dentro da semiótica, pois ali, mesmo que de forma ainda não aplicável, já estão delineados alguns dos principais conceitos que têm tornado possível, no panorama atual, o estudo dos componentes sensíveis do discurso.

Semiótica das paixões (1993) chamava atenção para a urgência em enfrentar diretamente a problemática das paixões, equilibrando a teoria das modalidades com interrogações sobre a natureza dos estados *dinâmicos e inquietos* do sujeito. Nesse processo, Greimas e Fontanille sugerem dois conceitos como portadores de rendimento excepcional para o estudo mais profundo das instâncias afetivas: o de tensividade e o de foria (1993, p. 17). Propunha-se, assim, que o *ser* do discurso não mais passasse a ser concebido como único de uma combinação de modalidades, mas como fruto do simulacro fórico-tensivo.

Essa relação combinatória dos conceitos de foria e tensividade entre sujeito e objeto permite alcançar o conceito de modos de presença, que, pouco a pouco, foi-se configurando dentro da teoria como o modo de existência das paixões no discurso. *Semiótica das paixões* (1993) ajudou a abrir caminho, com essas proposições, para que a semiótica se voltasse, na década de 90, à percepção e aos modos de presença, concebendo-os como os componentes fundamentais para a elaboração de uma semiótica epistemológica. As pesquisas desenvolvidas nesse período buscaram, assim, estruturar um novo modelo em que o *ser* do sujeito não mais estaria condicionado a ganhar vida por meio das categorias juntivas. A junção, pouco a pouco, foi substituída pelo conceito de modo de presença, que se mostrou muito mais profícuo para atingir os modos de existência passionais do discurso. Em outras palavras, houve, nesse período, uma incandescência da importância dada ao sensível – ligado ao estudo da percepção –, associada a uma diminuição do espaço destinado ao inteligível – ligado, por sua vez, aos aspectos da narratividade.

Se antes a semiótica considerava que a existência do sujeito, bem como a configuração de seus estados de alma, estava fundamentada nos estados juntivos entre sujeito e objeto-valor, ela agora credita a variação de tensão emocional à maior ou menor distância entre o corpo próprio do sujeito e o objeto-valor de seus afetos (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 143), e é por essa razão que a categoria de presença/ausência substitui sem prejuízos a de junção. A diferença entre os dois modelos consiste basicamente no fato de que as categorias de junção, que repousam sobre os conteúdos de posse, permanecem um tanto distantes das questões inerentes à existência, a exemplo da densidade de presença e da tonicidade perceptiva, enquanto os modos de presença, por sua vez, articulam as categorias da intensidade e da extensidade⁶ de modo a associar os avatares da intencionalidade (i.e.: o foco) e as vicissitudes da captura (i.e.: a apreensão), abarcando, assim, toda a espessura da densidade da existência semiótica (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 132-133).

No princípio dos estudos sobre afetividade, a semiótica narrativa da ação identificou diferentes modos de existência do sujeito, de acordo basicamente com a relação de junção estabelecida com seu objeto-valor. Inicialmente, havia três modos de existência aplicáveis dentro da teoria da narratividade: sujeito virtualizado (não-conjunto), sujeito atualizado (disjunto) e sujeito realizado (conjunto). Em *Semiótica das Paixões* (1993), Greimas e Fontanille constata a presença de uma quarta posição que até então não aparecia no inventário dos modos de existência: o sujeito potencializado, que corresponderia, então, ao sujeito em não-disjunção com seu objeto valor (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 54-55). Nesse momento, porém, os modos de existência que serviam de base para a configuração passional dos estados de alma do sujeito ainda eram por demais inteligíveis, pois estavam presos à narratividade, já que eram definidos exclusivamente pelos estados de junção. Sem dúvida, a atenção voltada a esses modelos de existência, mesmo que ainda sob um prisma da semiótica da ação, já era um ganho para a semiótica das paixões, pois, por meio deles, se pôde constatar que algo além das modalidades era necessário para descrever os estados de alma do sujeito:

Essas poucas observações fazem pensar que os sujeitos passionais não podem ser definidos unicamente graças às quatro modalizações geralmente identificadas, em particular no quadro da competência, em vista do fazer. [...] Independentemente das cargas modais definidas em termos de categorias (querer, poder etc.), o sujeito apaixonado é de fato suscetível de ser “modalizado” pelos modos de existência, o que equivale dizer que a junção enquanto tal é uma primeira modalização (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 54).

Alguns anos mais tarde, em *Tensão e significação* (2001), Jacques Fontanille e Claude Zilberberg reveem essa primeira conceituação estabelecida para os modos de existência com base nas categorias narrativas e, influenciados principalmente pelas ideias de Merleau-

⁶A tensividade caracteriza-se por ser o espaço intermediário que se projeta entre as dimensões da intensidade e da extensidade, onde a extensidade é regida pela intensidade e os estados de coisas estão na dependência dos estados de alma. O valor das coisas – que é por natureza afetivo – nasce justamente da associação de uma valência intensiva com uma valência extensiva. Essa junção cria um espaço tensivo de recepção e qualificação das grandezas: o campo de presença.

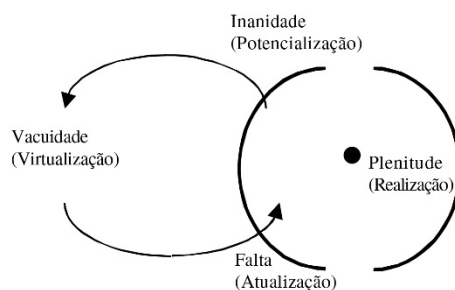
Ponty, propõem uma reformulação fenomenológica de tal conceito, sem, no entanto, excluir por completo a categoria da junção. Os modos de existência passionais, nesse segundo momento, passam a ser compreendidos como resultantes da apreensão da presença no discurso, que será regida, sobretudo, pela tonicidade (intensidade/extensidade). A combinação de um grau de intensidade com um grau de profundidade determina o grau de presença, e a densidade resultante dessa conjunção dá origem à densidade de presença, conceito que também se mostra importante na elaboração dessa semiótica do sensível (FONTANILLE, 1999, p. 76).

O eu semiótico habita um espaço tensivo, fruto da associação entre intensidade e extensidade, mas, para tornar esse nicho habitável, é necessário ajustar e regular as tensões, e é exatamente nesse ponto que reside o grande esforço dos sujeitos sensíveis (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128). No âmago dessa nova semiótica perceptiva, está a questão do corpo próprio: “[...] le sujet passionnel est un sujet qui parle avec son corps, comme on l’a déjà noté: il sent, il voit, il touche, il entend. Ce corps percevant est à la fois le siège et la source de la scène, sous le mode obligé de la présence” (FONTANILLE, 1999, p. 76)⁷. É justamente a maior ou menor distância entre o corpo e as outras instâncias que permite as variações emocionais e tensivas do discurso.

Pode-se dizer, então, que a redefinição dos modos de existência passionais é resultante de uma perspectiva epistemológica, que vem a substituir aquela perspectiva meramente narrativa que vigorava até então. Assim, a partir da atividade perceptiva, Fontanille e Zilberberg propõem um novo modelo dos modos de existência, fundado sobre as duas modulações extremas de presença, que regulam toda a significação: de um lado, o excesso de presença do mundo natural (o pleno da expressão, plenitude sensível das tensões) e, do outro, o excesso de ausência do mundo interior (o vazio de conteúdos, a ausência de articulações). Oscilando entre os extremos da presença e da ausência, existem também outras modulações, e o sujeito semiótico busca estabelecer um equilíbrio tensivo entre esses diferentes modos de existência – potencialização, virtualização, atualização e realização – organizando o campo perceptivo e condicionando a própria semiose (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128).

A partir, pois, da reformulação do que já havia sido feito em *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993), Fontanille e Zilberberg fornecem, em *Tensão e Significação* (2001), uma sintaxe canônica, que cruza dois percursos, como no quadrado semiótico:

[...] a inanidade (a potencialização) constitui uma perda de densidade existencial, provocada pela anulação do foco, perda que conduz da presença (realizante) à ausência (virtualizante); inversamente, a perda (atualizante) proporciona um ganho de densidade existencial, devido à intensidade do foco, no caminho que leva da ausência à presença. Assim, os dois percursos podem ser representados, respectivamente, como a saída e a entrada por relação ao domínio perceptivo:

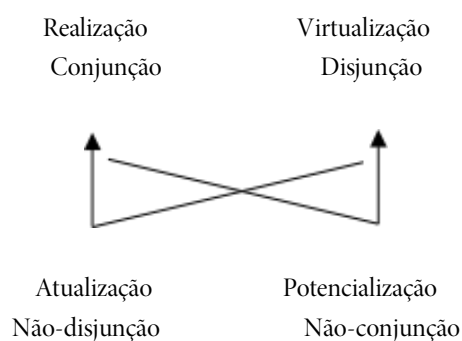


(FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 135)

Colocando essas categorias no formato de um quadrado semiótico e relacionando-as também com as categorias juntas, que foram

⁷ “O sujeito passional é um sujeito que fala com seu corpo, como já foi assinalado: ele vê, ele toca, ele ouve. Esse corpo perceptivo é, ao mesmo tempo, local e origem da cena, condensada obrigatoriamente sob o modo da presença.” (Tradução nossa).

determinantes no princípio da estruturação de uma semiótica tensiva, ficam mais evidentes as reformulações propostas em relação ao modelo elaborado em *Semiótica das paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993):



(ZILBERBERG, 2011, p. 58)

A *Realização* corresponde ao estado de plenitude do sujeito, que concentra uma alta densidade de presença. A *Potencialização*, por sua vez, dilui essa alta densidade e conduz o sujeito ao estado *virtual*, marcado pela ausência. Rapidamente, porém, a ausência é convertida em falta, na atualização, colocando em marcha a possibilidade de obter-se uma nova realização. Os modos de existência, dessa forma, organizam-se de maneira cíclica, sendo a repetição uma busca do sujeito por estabilidade tensiva.

A apreensão da presença dos objetos do mundo pelo sujeito traz, quase unanimemente, valor de novidade e espanto. Trata-se dos breves instantes que compreendem o estado de *realização*. Como, porém, o súbito tem por condição a efemeridade, há uma *potencialização* da presença que rapidamente converte-se em *virtualização*, dando lugar ao hábito (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 125). Essas modulações existenciais, portanto, além de afetarem as instâncias enunciativas (actante, espaço e tempo), determinam também a alternância dos valores que regem a narrativa, alternando, por exemplo, os valores de “novo” e “antigo” e “espanto” e “hábito” conforme a emergência de um ou outro modo de existência.

Apesar de terem sido colocados em relevo os aspectos sensíveis da *presença*, é pertinente fazer um recuo e observar que ela não é uma grandeza puramente sensível. Os modos de presença, na verdade, são tão pertinentes para o estudo da significação, pois correlacionam de forma equilibrada as instâncias do sensível e do inteligível. A própria configuração da tonicidade, que rege a apreensão da presença, fundamenta-se sobre as categorias intensidade/extensidade, que mobilizam de igual maneira o sensível e o inteligível. Além disso, por mais que os novos modelos passionais sejam resultado de uma atividade perceptiva, e não meramente das transformações narrativas, as categorias de junção, que fundamentam a base da semiótica greimasiana, ainda estão em voga quando se fala da percepção, porém, agora não mais regidas pelos valores de posse, mas pelos valores tensivos que sustentam os canais de apreensão da presença pelo sujeito:

Sabemos que toda a semiótica greimasiana é formulada com base na relação juntiva. Do trabalho de Propp à formulação de uma sintaxe narrativa, assim como no estudo dedicado às paixões — envolvendo as predicções de formação de sentido —, a noção de junção está no centro das formulações semióticas. Mesmo uma aproximação mais decidida da teoria com suas bases fenomenológicas não alterou tal fato. Os avanços propostos pelos seguidores de Greimas, pautados pela coerência teórica, mantiveram a primazia da junção, cujo papel estruturador se mantém intacto seja no conceito de campo de presença, introduzido com os estudos sobre a tensividade, seja nas discussões subsequentes sobre o corpo (MANCINI, 2007, p. 15).

O semioticista Eric Landowski, no conjunto de sua obra, assume uma posição crítica em relação ao modelo narrativo que está na base da semiótica greimasiana e também da semiótica tensiva de maneira geral⁸. Segundo o semioticista francês, tanto a semiótica desenvolvida em um primeiro momento por Greimas, quanto a semiótica tensiva que lhe deu prosseguimento, principalmente por

⁸ “Pour mettre au point ces propositions, il nous a fallu procéder à un examen critique de divers aspects de la théorie sémiotique classique et surtout du modèle de la jonction autour duquel elle s’articule, ainsi que de ses prolongements plus récents en termes de “tensivité”, et fixer en contrepartie les contours d’un second régime de sens possible, celui de l’union” (LANDOWSKI, 2004, p. 10).

meio das contribuições teóricas acrescidas por Jacques Fontanille e Claude Zilberberg, têm como elemento constitutivo as categorias de junção, que sustentam toda a construção dos modelos propostos por tais teorias. Eric Landowski, porém, recusa veementemente o princípio da junção, por acreditar que ele esteja fundamentado sobre uma relação de dominação, cuja forma arquetípica sustenta-se basicamente sobre as relações de propriedade, que consiste em programas de apropriação e desapropriação:

La conjonction, en contrepartie, est avant tout une opération de rapprochement spatiale entre les termes de la relation. Mais en même temps, moins en surface, l'acte conjonctif débouche sur l'établissement d'un rapport de domination dont la forme archétypique est celle du rapport de propriété : dès qu'il lui est conjoint, l'objet devient pour le sujet sa chose; il a sur elle tout pouvoir, elle est "à lui", à la fois près de lui et à sa disposition: il la possède. Même si personne ne semble y avoir prêté grande attention, la terminologie métalinguistique l'a toujours dit explicitement: les opérations jonctives sont des "appropriations", des "dépossessions", etc. (LANDOWSKI, 2004, p. 60)⁹

Landowski, então, propõe uma outra vertente para o desenvolvimento semiótico, que ele nomeará sociossemiótica, cuja base não repousa mais sobre os princípios juntivos, tampouco perceptivos, no sentido compreendido pela semiótica tensiva, mas sobre esquemas de interação, sobre os quais o semioticista desenvolve seus modelos passionais e suas proposições de análise. De modo geral, porém, os semioticistas que perseguem as ideias de Greimas, de Fontanille e de Zilberberg, acreditam que, embora se constatem problemas nos modelos narrativos da semiótica, não serão excluídos da teoria, de maneira nenhuma, os princípios juntivos, pois eles creem em um modelo teórico em que tais dispositivos, se concebidos dentro de uma perspectiva fenomenológica, são extremamente profícuos para os estudos da significação, desde que a relação de posse e as transformações narrativas fruto da junção não sejam mais importantes do que a densidade de presença das instâncias exteriores ao corpo próprio do sujeito em seu campo perceptivo, pois é a apreensão perceptiva que alterna os modos de existência do sujeito, equilibrando as tensões passionais do discurso e tornando possível a existência do ser semiótico.

Da Imperfeição (2002) introduz a noção de "corpo" no centro da teoria semiótica. Toda enunciação possui um sujeito por trás, e a instância que funciona como mediadora entre o sujeito e o mundo é o corpo: ele atua como mediador sensível no processo da semiose, momento em que o sentido é produzido. Greimas inspirou-se na fenomenologia de Merleau-Ponty para escrever *Da Imperfeição* (2002). No centro das preocupações de Merleau-Ponty, está a ideia de corpo, apropriada, mais tarde, por Greimas e introduzida no campo teórico da semiótica. Essa noção é importante não apenas por ter sido a partir dela que se desenvolveram pesquisas em torno da perceptividade e dos modos de presença, mas, principalmente, porque, por meio da concepção fenomenológica de corpo, foi possível alcançar respostas que atribuíram sentido à teoria semiótica como um todo, fazendo com que o modelo narrativo proposto por Greimas pudesse, a partir de então, ser concebido em uma perspectiva que tendesse menos à vertente estruturalista inicial e se aproximasse mais da vertente filosófica. Não tão estrutural como ele pretendia ser no início. Tal mudança de perspectiva acaba por mostrar-se muito mais profícua para tratar de uma ciência – a semiótica – que tem como objeto o estudo da significação.

O corpo próprio, de acordo com as definições atribuídas por Merleau-Ponty, principalmente nas obras *Fenomenologia da percepção* (1999) e *Olho e espírito* (1984), funciona como uma categoria responsável por reestabelecer a relação de identidade perdida entre sujeito e objeto. O sujeito está presente no mundo assim como o mundo está presente no sujeito. Sujeito e o objeto aparecerem como dois momentos abstratos de uma estrutura única que é a *presença*. Quando o sujeito percebe o mundo através das movimentações sensíveis do corpo, ele, na verdade, percebe a si mesmo, apenas sob outro ponto de vista e outra perspectiva como mostra Merleau-Ponty (1984, p. 278): "O enigma reside nisso: meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o 'outro lado' do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo".

Essa união ideal entre sujeito e objeto, no entanto, é dissolvida no mundo de descontinuidades, em que sensível e inteligível são

⁹ "A conjunção, em contrapartida, é antes de tudo uma operação de aproximação espacial entre os termos da relação. Mas, ao mesmo tempo, ao menos superficialmente, o ato conjuntivo leva ao estabelecimento de uma relação de dominação cuja forma arquetípica é aquela da relação de propriedade: logo que ele lhe é conjunto, o objeto torna-se para o sujeito uma coisa; ele tem sobre ela poder total, ela é dele, está, ao mesmo tempo que perto dele, também à sua disposição: ele a possui. Mesmo se ninguém parece prestar muita atenção nela, a terminologia metalinguística sempre disse explicitamente: as operações juntivas são 'apropriações', 'desapropriações', etc." (Tradução nossa).

apartados: o sujeito sensível é ejetado do mundo e o mundo é ejetado do interior do sujeito. Dessa desunião nasce a falta, mas também, por consequência, o sentido da existência, que passa a ser o de resgatar essa união perdida. O corpo próprio atua, assim, na tentativa de unir, por meio de uma dinâmica sensível, aquilo que foi separado – os universos interoceptivo (sujeito) e exteroceptivo (mundo) – tornando-os novamente inseparáveis em um *continuum* tensivo:

Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na textura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já se vê e se move, ele mantém as coisas em círculo à volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo. Estes descolamentos, estas antinômias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, de lá onde um visível se põe a ver, torna-se visível por si e pela visão de todas as coisas, de lá onde, qual a água-mãe no cristal, a indivisão do senciante e do sentido persiste (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 279).

Essa separação entre sujeito e objeto é a que acaba por dar origem também à outra separação elementar no universo da descontinuidade onde habita o ser semiótico: aquela entre sensível (estados de alma, com seus semas interoceptivos) e inteligível (estados de coisas, com seus semas exteroceptivos), responsável por provocar as tensões que permeiam a existência dos sujeitos no mundo. Greimas, apoiado na fenomenologia, também já previa essas questões, como demonstra inclusive o próprio subtítulo de seu livro *Semiótica das paixões* (1993): “[...] dos estados de coisas aos estados de alma”, bem como também já prefigurava para elas uma resolução a partir do corpo próprio, que, por meio da atividade perceptiva, é capaz de reestabelecer essa união entre o exteroceptivo (estado de coisas) e o interoceptivo (estados de alma) (TATIT, 2011, p. 33).

3 CONCLUSÃO

É em razão da tentativa de reunir sujeito e objeto, sensível e inteligível, na existência do mesmo ser semiótico que a as categorias de presença advindas da percepção mostram-se muito mais profícuas do que aquelas oferecidas pelas categorias de junção, afinal o *ter* da junção não conduz ao *ser* e aos valores de integridade, enquanto a presença, ao aproximar mais ou menos o sujeito dos objetos, trabalha no sentido de unir esses dois actantes em uma única instância, como aponta Merleau-Ponty (1984, p. 278): “Imerso no visível por seu corpo, embora ele próprio visível, o vidente não se apropria daquilo que vê: só se aproxima dele pelo olhar, abre-se para o mundo”.

Esse sincretismo actancial, essa fusão plena, esse *continuum* ideal alcançado entre sujeito e objeto, no entanto, é dissolvido pela dinâmica descontínua do universo. O corpo uno fragmenta-se, e, dessa bipartição, surgem os desequilíbrios que dão origem às narrativas. A busca do sujeito pela reconquista dessa unidade primordial é que motiva os processos narrativos, que, em sua sintaxe mais elementar, consiste na busca do sujeito por seu objeto-valor. A questão é que os objetos não são exógenos ao sujeito, mas intrínsecos a ele, portanto, fundamentais para reestabelecer a identidade do sujeito como ser semiótico. É por essa razão que Tatit afirma que o *valor dos valores*, buscado em toda e qualquer narrativa, é a integridade:

Esse princípio está na base da compreensão dos conceitos de tensividade e atratividade. A partição do uno, condição para ingressar no plano cognitivo, causa desarmonia no universo do ser, fragmenta o corpo, mas, em compensação, instaura o sentido em nossa vida. E o sentido, aqui, é orientado para a reintegração das partes (sujeito e objeto) que desfazem a noção de ser. É uma direção a seguir em nome do valor dos valores: a integridade. A atração por esse valor desperta no sujeito a tensão que o caracteriza como tal e que nunca mais o abandona, enquanto houver vida. O valor dos valores é tudo que o sujeito precisaria para voltar a ser – plenamente – ele próprio. Quanto aos valores em geral, não são mais que objetos parciais – desencadeadores de programas narrativos auxiliares – que simulam etapas intermediárias de busca e, desse modo, mantêm acesa a chama tensiva do sujeito. Mas o que este de fato deseja é reestabelecer o elo contínuo com o objeto, única forma hipotética de recuperação do ser. (TATIT, 2011, p. 42-43).

Sem a compreensão desse princípio legado pela filosofia epistemológica, a noção de narrativa e dos próprios programas de busca descritos dentro da teoria semiótica perde a significância e torna-se um mero esquema estrutural incapaz de alcançar a essência do

ser semiótico. O sentido nasce, dessa forma, da fragmentação do ser, pois, a partir dela, o sujeito lança-se em direção à integralidade, aproximando-se dos objetos à sua volta na tentativa de estabelecer o *continuum* perdido, como muito bem elucida Merleau-Ponty (1999, p. 576) em *Fenomenologia da Percepção*:

Sob todas as acepções da palavra sentido, nós reconhecemos a mesma noção fundamental de um ser orientado ou polarizado em direção àquilo que ele não é, e assim sempre somos levados à concepção do sujeito como êxtase e a uma relação de transcendência ativa entre o sujeito e o mundo.

O sentido, assim, emerge da falta e aponta em direção àquilo que já não é mais, que foi perdido, mas que se quer resgatar. O sentido, portanto, é direção, mas uma direção relativa, por estar condicionada ao olhar do sujeito para o mundo: “A expressão ‘o sentido de um córrego’ não quer dizer nada se não suponho um sujeito que olhe de um certo lugar para um outro. No mundo em si, todas as direções assim como todos os movimentos são relativos, o que significa dizer que ali eles não existem” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 575). A noção de direção permanece mesmo nos dicionários das línguas naturais, que, quando trazem acepções da expressão *sentido*, contemplam a perspectiva da direcionalidade, a exemplo de algumas definições trazidas pelo dicionário Houaiss de Língua Portuguesa: 1) cada uma das faces através das quais algo pode ser visto; ângulo, lado, ponto, aspecto. 2) cada uma das duas direções opostas em que algo pode se deslocar; orientação, rumo. 3) aquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação; alvo, fim, propósito. O sujeito só busca uma direção, no entanto, quando falta alguma coisa, quando não há completude; é por isso que, quando há fusão total entre sujeito e objeto, não há necessidade de buscar uma direção, portanto, não há sentido e, conseqüentemente, não há narrativa.

Assim se configura o *guizzo*¹⁰, descrito por Greimas em *Da Imperfeição* (2002), quando a fusão actancial entre sujeito e objeto ocorre de forma tão intensa a ponto de fazer com que esses papéis se percam para dar lugar a um único ser semiótico, *realizado*, que não sente mais a necessidade de lançar-se em direção a narrativas de busca, pois ele já é inteiro, já adquiriu o *valor dos valores*, portanto, não tem mais o que buscar: “A principal característica desse nível é a continuidade plena e, portanto, a ausência de direcionalidade, intencionalidade, causalidade, finalidade etc. Não há solução de continuidade entre o homem e o mundo e, diante de tal harmonia, nem o Sentido faz sentido” (TATIT, 2011, p. 41).

Neste artigo, buscou-se refletir, portanto, sobre o papel da afetividade na teoria semiótica, desde seu início, marcado pelo receio de que os estudos do discurso resvassem pela subjetividade extrínseca ao texto, passando pela gradual introdução de elementos passionais, como a teoria das modalidades, o exame das paixões, até o momento em que a semiótica passa a interessar-se pela fenomenologia, quando começa a enveredar pelas articulações dos modos de presença e pela maneira como os corpos sensíveis nele reagem. Acredita-se que essa visada epistemológica, aliada a todas as discussões que se têm desenvolvido sobre a tensividade, parece ser a chave para que a semiótica alcance, de fato, seu objetivo – o mesmo colocado por Greimas na década de 60 – qual seja, o de mostrar-se como uma teoria eficaz para o estudo da significação.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GREIMAS, A. J. *Sémantique structural*. Paris: Librairie Larousse, 1966.

GREIMAS, A. J. *Semiótica do discurso científico: da modalidade*. Rio de Janeiro: DIFEL – Difusão editorial S.A & SBPL, 1976.

¹⁰ No capítulo *O Guizzo* (2002, p. 31), Greimas discorre sobre um trecho específico de Palomar (1994), de Ítalo Calvino, em que uma das personagens é tomada pelo desejo incontrolável de admirar o seio nu de uma jovem, na praia, em toda sua magnitude. O *guizzo* seria esse acontecimento fortuito capaz de provocar um ápice estético, em que o sujeito é completamente dominado pelo poder de encantamento do objeto, bem como conduzido a um estado de deslumbramento e impotência diante de uma cena que não pode reter, mas que transformará o curso de sua vida inteira.

- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. A. D. Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Du sens II: essais semiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- FONTANILLE, J. *Sémiotique & littérature: essais de méthode*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J.; ZIBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. De Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Benvindas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.
- HJEMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LANDOWSKI, E. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.
- MANCINI, R. C. *Dinamização nos níveis do percurso gerativo: canção e literatura contemporânea*. 2006. 191f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, FFLCH/USP, São Paulo, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “O olho e o espírito”. In: _____. *Textos escolhidos*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 86-111.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Trad. de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- TATIT, L. *Musicando a semiótica*. São Paulo: AnnaBlume, 2011.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Recebido em 30/09/2015. Aceito em 21/03/2016.